

**A propaganda dos Sodomitas ou o grito dos sodomizados:
interpretações jurídicas e teológicas discrepantes de um texto de "Gênesis" e
o início do processo investigativo nas "Decretais de Gregório IX" (1234)**

La propaganda de los sodomitas o el grito de los sodomizados:
interpretaciones jurídicas y teológicas diferentes de un texto de "Génesis" y el
comienzo del proceso de investigación "en las Decretales de Gregorio IX" (1234)

Resumo: Para se iniciar um processo investigativo o direito canônico do século XIII determinava que houvesse o prévio clamor das vítimas ou queixosos. Para tanto, o Papa Inocêncio III fundamentava-se em Gênesis 18:21, que narra o aviso dado por Deus a Abraão de que os clamores de Sodoma e Gomorra haviam subido até o céu e de que Ele verificaria esses clamores. Contudo, Santo Agostinho e o Papa São Gregório Magno entendiam o clamor nesse trecho como algo quase único na Bíblia, de que seriam a manifestação e propagação do pecado. Porém, as traduções bíblicas atuais posicionam-se mais segundo o entendimento do Papa Inocêncio III. Analisamos também obras de outros teólogos cristãos, a Torá e rabinos medievais, para verificar se não houve alguma mutação no significado histórico dessa passagem desde a transmissão pela religião judaica. Nesse estudo verificamos ser muito mais aceitável a interpretação dos Padres da Igreja do que das bíblias modernas (que explicam juntamente quando traduzem), conforme os argumentos contextuais que expomos.

Palavras-chave: Decretais de Gregório IX - Sodoma - Inocêncio III - Direito Canônico

Resumen: Para iniciar un proceso de investigación via derecho canónico del siglo XIII se determinó los gritos anteriores de las víctimas o denunciantes. Para ello, el Papa Inocencio III se basó en Génesis 18:21, que cuenta el recado dado por Dios a Abraham de que los gritos de Sodoma y Gomorra se había elevado al cielo y que iba a testar estas afirmaciones. Sin embargo, San Agustín y el Papa San Gregorio Magno comprendió este pasaje como el grito algo casi único en la Biblia, que sería la manifestación y propagación del pecado. Sin embargo, las traducciones actuales de la Biblia apoyan la comprensión del Papa Inocencio III. También tenemos en cuenta otras obras de los teólogos cristianos, la Torá y los rabinos medievales para ver si hay una mutación en el significado histórico de este pasaje de la transmisión por la religión judía. En este estudio encontramos que es mucho más aceptable la interpretación de los Padres de la Iglesia que las biblias modernas (que en general explican la hora de traducir), de acuerdo con los argumentos contextuales que se exponen en este artículo.

Palabras clave: Decretales de Gregorio IX - Sodoma- Inocencio III - Derecho Canónico

O direito canônico, que foi chamado oficialmente pela Igreja de *Corpus Iuris* (ou *Juris Canonici*) somente na etapa final do período medieval, reúne dois livros principais: O *Decreto de Graciano* (c. 1140) e as *Decretais de Gregório IX* (1234). E desses livros ainda não existe tradução em nenhuma língua, embora sua influência sobre o direito e a sociedade ocidentais, incluindo o Brasil, tenham sido e ainda são, determinantes e muito importantes¹. Esses livros medievais, que reúnem sempre de

¹ LARRAINZAR, Carlos. *Las Raíces Canónicas de la Cultura Jurídica Occidental*. In: *Ius Canonicum*.

um período anterior, leis de concílios, decretais e constituições papais, leis do direito romano, e doutrina bíblica e teológica, eram matéria obrigatória para o conhecimento de qualquer estudante de direito secular desde o século XII até a separação entre Igreja e Estado na época contemporânea, e a nova codificação de leis feita por Roma em 1917. O direito canônico vem sempre incorporado nas ordenações legais de qualquer país governado por um monarca católico romano (incluindo o Brasil colonial, imperial e com muitas influências no Brasil republicano) desde os primeiros momentos em que o *Decreto de Graciano* e as *Decretais de Gregório IX* foram publicados, embora não fosse intenção dos promulgadores desse direito eclesiástico a interferência nas normas temporais, apenas em questões de pecado, mas que eram bem amplas.

No momento do surgimento desses livros canônicos a Igreja vivia o apogeu de um período chamado pelos historiadores de Gregoriano, levando o nome do Papa Gregório VII (1073-1085), um dos principais pontífices que iniciaram a Reforma Gregoriana². Essa reforma afastou em muito a interferência laica sobre os assuntos eclesiásticos, que interferia principalmente na nomeação dos prelados, como bispos e abades. A partir da segunda metade do século XI a Igreja definiu sua esfera de independência através de novas leis canônicas promulgadas através de concílios (a reunião de autoridades católicas sob a direção do Papa) e de decretais (que eram tanto decretos mais gerais como apenas respostas do Papa a certas questões dos seus subordinados, ou ainda decisões judiciais da cúria romana que se tornavam jurisprudência). Ela também fortaleceu a sua autoridade e aumentou o número de muitos governos seculares que buscavam auxílio em Roma para resolver questões de disputas territoriais, de guerra ou outro assunto a que incumbiam o Papa como árbitro dado o respeito pela sua autoridade moral e cristã. Ao mesmo tempo, para tanto também incentivavam os bispos de cada reino, uma vez que destacavam a presença dos sacerdotes juntos aos reis israelitas do Antigo Testamento. Não havia como deixar de exercer influência sobre os reis cristão

Revista del Instituto Martin de Azpilcueta. Pamplona: Universidad de Navarra, Facultad de Derecho Canonico, v. XLI, nº 81, 2001, p. 27-31; TAVARES, Oswaldo Hamilton. *A Influência do Direito Canônico no Código Civil Brasileiro*. In: Justitia. Revista do Ministério Público de São Paulo. São Paulo: Ministério Público, nº 132, out./dez., 1985, p. 49-56. Disponível em: Justitia: < www.justitia.com.br/revistas/zwaz5b.pdf>. Pode-se ver essa influência também no novo Código Civil.

² PACAULT, Marcel. *La Théocratie: l'église et le pouvoir au moyen age*. Paris: Montaigne, 1957, p. 67-96, 171-188.

batizados e devotos, sacralizados com o óleo santo, que deveriam governar de forma cristã.

Os séculos XII, XIII e início do XIV correspondem à fase clássica do direito canônico³. Pela primeira vez as leis canônicas são selecionadas, reunidas e publicadas em compilações oficiais que deveriam ser seguidas por toda a Cristandade. Antes disso, eram apenas os sínodos episcopais que tentavam fazer valer as leis dos concílios gerais.

Mas, dentro do período clássico do direito canônico, do fim do século XIII até início do XIV, a Igreja viveu a fase do *ius decretalium* (direito das decretais), porque nunca antes em tão pouco tempo tinham sido promulgadas tantas decretais papais⁴. A Igreja vivia, portanto, o apogeu desse período Gregoriano, dito por alguns historiadores de *plenitudo potestatis*⁵ dos pontífices, com papas que conseguiam fazer valer a teologia e o direito cristão como nunca antes, como por exemplo Alexandre III (1159-1181), Inocêncio III (1198-1216) e Gregório IX (1227-1241). E pela primeira vez essa enorme quantidade de decretais outorgadas por papas anteriores são recortadas (aproveitados apenas os trechos que são "mais legislativos") e publicadas no ano de 1234 a mando de Gregório IX. Mas, embora qualquer lei inserida dentro das *Decretais de Gregório IX* receba o nome de "decretal", nem todas elas tem essa origem de ser ditada pelo Papa ou pela cúria papal, sendo que algumas eram ainda oriundas de concílios gerais, principalmente Latrão III (1179) e Latrão IV (1215).

Durante nosso trabalho de tradução anotada do livro V das *Decretais de Gregório IX*⁶, livro que se ocupa do direito penal e processual eclesiástico, percebemos o quanto eram precisas as determinações sobre o início de um

³ GAUDEMET, Jean. *Les Sources du Droit Canonique (VIIIe-XXe siècle)*. Paris: Cerf, 1993, p. 32-33.

⁴ PENNINGTON, Kenneth. *Decretal Collections 1190-1234*. In: *The History of Medieval Canon Law in the Classical Period, 1140-1234: From Gratian to the Decretals of Pope Gregory IX*. HARTMANN, Wilfried; PENNINGTON, Kenneth (ed.). Washington: Catholic University of America Press, 2008, p. 294-295; GAUDEMET, Jean. *Op. cit.*, p. 32-33.

⁵ MUNIER, Charles. *L'Autorité de l'Église dans le Système des Sources du Droit Médiéval*. In: *Ius Canonicum*. Revista del Instituto Martin de Azpilcueta. Pamplona: Universidad de Navarra, Facultad de Derecho Canonico, v. XVI, nº 31, 1976, p. 40-41; LANDAU, Peter. *Gratian and the 'Decretum Gratiani'*. In: *The History of Medieval Canon Law in the Classical Period, 1140-1234: From Gratian to the Decretals of Pope Gregory IX*. HARTMANN, Wilfried; PENNINGTON, Kenneth (ed.). Washington: Catholic University of America Press, 2008, p. 22-23.

⁶ Esse trabalho leva o nome de *Decretales D. Gregorii Papae IX - Liber V (Crimen)*. Tradução com notas e ensaio interpretativo introdutório. Traduzimos aqui também os trechos de obras eclesiásticas ou bíblicas das quais não possuímos ou não existem tradução ou a tradução moderna parte de outros documentos. Para todos os demais casos é indicado o tradutor.

processo judicial. Esse era diferenciado pelos diversos papas através de decretais ali compiladas em: acusação, investigação, denúncia e exceção. Todos esses mecanismos, que existem até hoje em nosso direito ocidental, têm sua origem no direito romano justianeus (compilado e também renovado pelo imperador Justiniano no século VI), o qual citam inúmeras vezes⁷. Mas, esse direito romano justianeus (destacando-se principalmente o *Digesto*, o *Código de Justiniano* e as *Novelas*, reunidas no *Corpus Iuris Civilis*) não era seguido totalmente, uma vez que não poderia se opor aos mandamentos bíblicos.

Uma das decretais ou capítulo, a 24, do título I desse livro V das *Decretais* nos chamou a atenção pela invocação que faz de um trecho bíblico interpretado de formas diferentes por importantes teólogos e Padres da Igreja. Essa decretal foi promulgada como um cânone por Inocêncio III no IV concílio de Latrão, que ocupou-se principalmente com a disciplina eclesiástica e é disso que trata o conteúdo desse capítulo do livro V. Temos que salientar que embora um fruto do concílio, a decretal foi inserida nas *Decretais de Gregório IX* e foi como uma decretal que atuou determinantemente no mundo ocidental. A forma como era citada legalmente pelos diversos corpos legislativos europeus seguia aquela das *Decretais de Gregório IX*. Além do mais, a própria lei canônica declara que antes de ser promulgada pelo concílio havia sido utilizada como decretal por Inocêncio III, ou seja, usada como uma lei específica para solucionar determinado caso. Durante o concílio geral tornou-se uma lei geral que os concílios provinciais e os sínodos episcopais deveriam divulgar. Mas, depois disso, tornou-se mais geral ainda quando inserida nas *Decretais* do Papa Gregório. É essa decretal que forneceu o ponto motivador deste estudo. Vamos citá-la aqui, em forma bilingue, com trechos grifados, e somente aqueles pontos que dizem respeito à nossa investigação:

Texto latino:

Qualiter et quando debeat praelatus procedere ad inquirendum, et puniendum subditorum excessus, ex auctoritatibus noui et veteris testamenti colligitur euidenter: ex quibus postea processerunt canonicae sanctiones: sicut olim aperte distinximus, et nunc sacri approbatione concilii confirmamus: Legitur enim in Euangelio, quod villicus ille, qui diffamatus erat apud dominum suum quasi dissipasset

⁷ Esse aproveitamento do direito romano ocorria porque muitos imperadores romanos cristãos legislaram sobre assuntos eclesiásticos e também porque a Igreja ainda o via como capaz de colocar ordem nos reinos que aplicavam leis muito mais violentas e sem garantias que aquelas do direito romano.

bona ipsius, audiuit ab illo, Quid hoc audio de te? redde rationem villicationis tuae: iam enim non poteris amplius villicare. Et in Genesi Dominus ait: Descendam et videbo, vtrum clamorem, qui venit ad me, opere compleuerint. Ex quibus auctoritatibus manifeste probatur, quod non solum cum subditus, verum etiam cum praelatus excedit, si per clamorem et famam ad aures superioris peruenerit, non quidem a maleuolis et maledicis, sed a prouidis et honestis, nec semel tantum, sed saepe, quod clamor innuit, et diffamatio manifestat, debet coram ecclesiae senioribus veritatem diligentius perscrutari, vt (si rei poposcerit qualitas) canonica districtio culpam feriat delinquentis: non tamquam idem sit accusator et iudex, sed quasi denunciante fama, vel deferente clamore, officii sui debitum exequatur. [...] Sed cum super excessibus suis quisquam fuerit infamatus, vt iam clamor ascendat, qui diutius sine scandalo dissimulari non possit, vel sine periculo tolerari, absque dubitationis scrupulo, ad inquirendum et puniendum eius excessus, non ex odij fomite, sed charitatis procedatur affectu [...].sicut accusationem legitima debet praecedere inscriptio, sic et denuntiationem charitativa monitio, et inquisitionem clamosa insinuatio praeuenire [...].

Tradução:

De que modo e quando o prelado deve proceder para inquirir e punir os excessos dos subordinados entende-se claramente das autoridades do Novo e do Velho Testamento - das quais as sanções canônicas depois emanaram - assim como outrora⁸ explicitamente definimos e agora confirmamos com a aprovação do sagrado concílio. De fato, é lido no Evangelho que aquele administrador que fora difamado ao seu senhor, sobre ele ter dissipado os bens deste, ouviu do mesmo: "Que é isso que ouço de ti? Presta contas de tua administração, porque já não poderás mais administrar."⁹ *E no Gênesis o Senhor disse: "Eu descerei e verei se eles têm causado a obra de clamor que vem até mim."*¹⁰ Através dessas autoridades é

⁸ O trecho que vai do início até logo antes de "*Debet igitur esse praesens is, contra quem facienda est inquisitio*" ("Deve, portanto, estar presente aquele contra quem há de ser feita a investigação") constitui uma *pars decisa* (parte retirada e, assim, ausente) do capítulo 17, deste mesmo título, que também começa por *Qualiter et quando* (decretal enviada ao bispo de Vercelli e ao abade de Tiglieto). E está presente em parte no capítulo 31, título 3. Logo, como Inocêncio III afirma, ele reutilizou uma decretal (antes de ser inserida nas *Decretais de Gregório IX*, obviamente), retirando trechos e colocando outros como podemos ver, para se tornar um cânone do IV concílio de Latrão. E tanto a decretal quanto o cânone foram inseridas por Peñafort, compilador de Gregório IX, nas *Decretais de Gregório IX*, justamente porque ambas também possuem trechos que não coincidem (o que nem sempre é uma justificativa, porque Peñafort muitas vezes retira trechos de uma única decretal para formar leis diversas nas *Decretais*).

⁹ Lucas, 16: 2. "*dicebat autem et ad discipulos suos homo quidam erat dives qui habebat vilicum et hic diffamatus est apud illum quasi dissipasset bona ipsius et vocavit illum et ait illi quid hoc audio de te redde rationem villicationis tuae jam enim non poteris villicare* (*Bíblia Vulgata*, Lucas, 1-2). ("Jesus disse também a seus discípulos: Havia um homem rico que tinha um administrador. Este lhe foi denunciado de ter dissipado os seus bens. Ele chamou o administrador e lhe disse: Que é que ouço dizer de ti? Presta contas da tua administração, pois já não poderás administrar meus bens." *Bíblia Ave Maria*). Todas as bíblias citadas nesse estudo, incluindo a *Vulgata* e a protestante *King James*, com exceção do *Gênesis* judaico, foram consultadas a partir do portal *Bíblia Católica Online*: < <http://www.bibliacatolica.com.br>>.

¹⁰ *Gênesis*, 18: 21. "*dixit itaque Dominus clamor Sodomorum et Gomorræ multiplicatus est et peccatum earum adgravatum est nimis descendam et videbo utrum clamorem qui venit ad me opere compleverint an non est ita ut sciam* " (*Bíblia Vulgata*, *Gênesis*, 18, 20-21). ("O Senhor

provado manifestamente que não somente quando o subordinado, mas também quando o prelado excede, se tiver chegado por clamor e fama aos ouvidos do superior, não certamente partindo de malévolos e maledicentes, mas de prudentes e honestos, e não uma vez apenas, mas muitas vezes em que o clamor acena e a difamação se manifesta deve perscrutar diligentemente a verdade diante dos mais velhos da igreja, de modo que (se a qualidade da coisa exigir) que a sentença canônica puna a culpa do infrator, não como se o mesmo {superior} fosse acusador e juiz, mas *que execute a obrigação de seu ofício de acordo com a fama de quem denuncia e de acordo com o clamor de quem delata*. [...] Mas quando alguém tiver sido infamado pelos seus excessos, *assim que o clamor subir*, o qual não possa ser dissimulado muito tempo sem escândalo, ou ser tolerado sem perigo, sem escrúpulo de hesitação que se proceda a inquirir e punir os excessos dele, não com o estímulo do ódio, mas com o sentimento da caridade [...]. Assim como a inscrição legítima deve preceder a acusação, assim também a admoestação caridosa deve preceder a denúncia e a *clamorosa insinuação* vir antes da investigação [...].

Colocamos em itálico esses trechos que estudaremos agora, que na verdade estão fazendo referência à mesma passagem bíblica de *Gênesis* 18:20 e que analisaremos como se fosse único. O que nos chama a atenção é que esses trechos que referem a necessidade de partir para uma investigação após se levar em conta o clamor de alguém parece à primeira vista discordar do texto bíblico que o próprio cânone se fundamenta e cita.

O texto de *Gênesis* reproduz uma declaração de Deus que iria descer até Sodoma e ver se a obra dos habitantes da cidade correspondia ao clamor que subia até Deus ou se eles causavam mesmo aquele clamor. Logo, parece tratar-se de um clamor que sobe sozinho até Deus. Só que outras também muitas traduções bíblicas (não a tradução da *Bíblia Vulgata* utilizada nesta decretal) traduzem (na verdade explicam) o clamor como sendo "contra" a cidade e não vindo das pessoas da cidade, alterando muito o sentido do trecho bíblico. O capítulo inicialmente reproduz o texto da *Bíblia Vulgata*, que é conforme a primeira tradução, só que após isso escreve que em uma investigação se deve ter em conta o "clamor do delator", ou seja, a concepção de clamor de Inocêncio III é de uma queixa contra a cidade. E mais adiante ainda, o Papa alerta que se deve investigar assim que o clamor subir, fazendo alusão ao clamor que ascendeu de Sodoma e Gomorra até Deus, só que obviamente que o Papa entende que o clamor é levado por alguém, um delator. De

ajuntou: "É imenso o clamor que se eleva de Sodoma e Gomorra, e o seu pecado é muito grande. Eu vou descer para ver se as suas obras correspondem realmente ao clamor que chega até mim; se assim não for, eu o saberei." (*Bíblia Ave Maria*).

fato, é assim em outros capítulos deste título (9; 18; 21, § 2¹¹) e é assim que modernamente entendemos o clamor, ou seja, quem comete um crime não vai clamar, mas sim quem o sofre ou acusa.

Para entendermos corretamente este trecho da decretal e cânone conciliar de Inocêncio III é preciso:

1) Descobrir o significado bíblico do verbo "clamar" segundo as autoridades utilizadas na época, dos santos Padres cristãos, mas como é um texto hebraico, e desde que não envolva elementos cristãos, também dos rabinos, os quais eram autoridade também na época de Jesus.

2) Verificar as outras traduções bíblicas (ainda que possa parecer equivocado, porque a *Bíblia Vulgata* era a única utilizada e não podemos compara-la com traduções modernas, mas importa no sentido de que ajuda a entender a ação de clamar e o uso que Inocêncio III faz do texto bíblico).

São Gregório Magno (540-604, Papa desde 590), e Santo Agostinho (354-430), Padres da Igreja (ou seja, fundadores de muito de sua tradição e teologia), entendem o clamor, aquele especificamente que emanava de Sodoma de forma diferente dos outros tipos de clamores presentes em outras passagens bíblicas. Descobrimos isso graças a uma obra do período moderno, do mestre frei Geronymo Bautista de la Nuza e bispo de Barbastro¹² na Espanha, ainda que esse autor cite apenas Gregório Magno e tente expandir seu conceito de clamor para conciliar com outras formas. O frei esclarece o significado do verbo "clamar" nas Sagradas Escrituras citando S. Gregório. Em uma seção intitulada: "*Importa el hablar en la confiession, y es apedreada la muger que calla*", o autor ao alertar sobre a necessidade de confissão diz que para evitar o pecado algumas coisas devem ficar em silêncio e outras devem ser ditas. Entre os textos bíblicos, cita um salmo do rei Davi (31: 3, mas reproduzimos 31: 1-3. Em Bíblias mais modernas é 32:3) em que o autor diz que o calar e o clamar aparecem à primeira vista de forma contraditória, mas que segundo ele não são:

huic David intellectus beati quorum remissæ sunt iniquitates et quorum tecta sunt peccata beatus vir cui non inputabit Dominus peccatum nec est in spiritu ejus dolus quoniam tacui inveteraverunt

¹¹ No capítulo ou decretal 9 é dito que havendo evidência de crime realizado não é necessário o clamor de um acusador; no capítulo 18 se introduz afirmando que a investigação na Igreja de Agde havia sido iniciada após frequentes clamores contra o seu bispo; no parágrafo 2 do capítulo 21 é dito que a investigação deve ser precedida por clamores.

¹² NUZA, Geronymo Bautista de la. *Homilias sobre los Evangelios que la Iglesia Santa propone los dias de la Quaresma*. Barcelona: Sebastian de Cormellas, 1633, t. 1, p.719-721.

*ossa mea dum clamarem tota die*¹³.

Opõe-se o clamor dos ossos (ou da alma) ao fato de não falar. Por isso a pergunta de frei Gerônimo e a resposta obtida em S. Gregório:

Sabeys (dize) lo que significa clamar en la Escritura sagrada? Pecar con libertad, poner en obra el pecado que teniades en el pēsamiento. Escuchaua Abrahan al mismo Dios, que estaua diziēdo: *Clamor Sodomorum, et Gomorrhæorum venit ad me, descendam, et videbo utrum clamorem opere compleuerint*. Que cosa es el clamor de los de Sodoma? *Peccatum cum voce, culpa est in actione*, dize san Gregorio, *peccatum cum clamore culpa est cum libertate*¹⁴.

De fato, mais extensamente diz assim a obra *Liber regulæ pastoralis* de S. Gregório Magno (540-604):

*Unde scriptum est: Peccatum suum sicut Sodoma prædicaverunt, nec absconderunt (Isai. III, 9). Peccatum enim suum si Sodoma absconderet, adhuc sub timore peccaret. Sed funditus frena timoris amiserat, quæ ad culpam nec tenebras inquirebat. Unde et rursum scriptum est: Clamor Sodomorum et Gomorrhæ multiplicatus est (Gen. XVIII 20). Peccatum quippe cum voce, est culpa in actione; peccatum vero etiam cum clamore, est culpa cum libertate*¹⁵.

Assim, no entendimento de S. Gregório, reproduzindo as mesmas letras da *Vulgata* que o Papa Inocência III cita nesta decretal, além do profeta Isaías, Sodoma e Gomorra não tinham medo de que seus crimes fossem feitos a descoberto, e esse

¹³ *Bíblia Vulgata*, 31:1-3. "Feliz aquele cuja iniquidade foi perdoada, cujo pecado foi absolvido. Feliz o homem a quem o Senhor não argúi de falta, e em cujo coração não há dolo. Enquanto me conservei calado, mirraram-se-me {consumiram-se-me} os ossos, entre contínuos gemidos (Tradução pela *Bíblia Ave Maria*)."

¹⁴ NUZA, Geronymo Bautista de la. *Op. cit.*, t. 1, p. 720.

¹⁵ MAGNO, Gregório. *Liber regulæ pastoralis*. In: *Patrologiæ. Cursus Completus sive Bibliotheca Universalis, Integra, Uniformis, Commoda, Oeconomica, Omnium SS. Patrum, Doctorum, Scriptorumque Ecclesiasticorum qui ab aeyo Apostolico ad Innocentii III Tempora Floruerunt. Series Secunda*. MIGNE, J. P. Lutetia Parisiorum: J. P. Migne editorem, 1862, t. LXXVII, pars tertia, cap. XXXI, col. 112 (De ora em diante indicaremos a Patrologia Latina por PL) . "Está escrito: *Como Sodoma, proclamaram o próprio pecado e não o esconderam* (Is, 3, 9) {"*agnitio vultus eorum respondit eis et peccatum suum quasi Sodomæ prædicaverunt nec absconderunt væ animæ eorum quoniam reddita sunt eis mala*" - *Vulgata*. "O seu ar insolente condena-os: como Sodoma, fazem propaganda do seu pecado e nem sequer o escondem. Desgraçados! Preparam o mal para si mesmos" - *Bíblia Sagrada*}. Se Sodoma tivesse escondido o seu pecado, teria pecado ainda com temor. Mas ela havia renunciado totalmente aos freios do temor, ela que não procurava nem mesmo as trevas para pecar. Por isso está ainda escrito: *O grito de Sodoma e Gomorra se amplificou* (Gn. 18, 20). O pecado é chamado voz, quando há sentimento da culpa na ação; é chamado *grito*, quando é cometido sem freio algum." Tradução de Sandra Pascoalato em MAGNO, Bento Gregório, Santo, Papa. *Regra Pastoral* (Coleção Patrística). São Paulo: Paulus, 2010, p. 225-226. Tradução alternativa também em MAGNO, Gregório. *The Book of Pastoral Rule*. In: Nicene and Post-Nicene Fathers. SCHAFF, Philip (editor). ROBERTS, Alexander; DONALDSON; James (tradução). Edinburg edition: 1885, Series 2, volume 12, parte 3, cap. 31, p. 705. Disponível para descarga em: Christian Classics Ethereal Library: <http://www.ccel.org/fathers.html>.

pecado com clamor é a culpa com liberdade que se elevava até o Senhor. Logo, o trecho da *Vulgata* e as traduções que a seguem estabelecem uma relação metonímica entre clamor e pecado. Eram tantos os pecados e realizados tão livremente que chamaram a atenção do Senhor, algo similar ao que aconteceu quando Deus mandara o dilúvio ao mundo. A relação entre "falar" e "clamar" então se entendia na Bíblia, segundo o frei Gerônimo, como a ação de falar sendo benéfica, quando na forma de confissão, enquanto que o clamor seria a manifestação do pecado. O frei Gerônimo explica melhor:

Esto me perdió, dize Dávid, y me consumo los huesos del alma, que son las virtudes, por vna parte clamar, esto es pecar libremente, seguir y poner por obra mis desatinados pensamientos, y por otra callar, no confessar mis pecados [...] el pecar cada día con libertad, el yros sin temor tras vuestros apetitos, y non confessa os¹⁶.

Assim, o verbo "clamar" é sinônimo de "pecar livremente" e transformar maus pensamentos em obras. Só que imediatamente depois o mesmo autor cita outro exemplo bíblico (Deuteronômio 22, 23-25) que amplia esse significado do clamor de S. Gregório. Diz o trecho que o Senhor considera uma mulher como adúltera se for pega com outro homem na cidade e não tiver clamado ou gritado ("*puella quia non clamavit cum esset in civitate*" - *Vulgata*; "porque, estando na cidade, não gritou" - *Bíblia Ave Maria*) e livra da punição de adultério a aquela mulher que sendo estuprada no campo, longe das pessoas, clama por socorro, demonstrando a sua não aceitação do crime ("*est sola erat in agro clamavit et nullus adfuit qui liberaret eam*" - *Vulgata*; "foi no campo que o homem a encontrou; a jovem gritou {clamou}, mas não havia ninguém que a socorresse" - *Bíblia Ave Maria*). O clamor, nesse caso necessário e ordenado por Deus, é algo que revela o pecado em ação, obviamente que não da vítima, mas do pecador e nesse caso também criminoso. Pelo o que foi exposto da obra de frei Gerônimo se deduz que o clamor do delator também é a manifestação do pecado, do pecado praticado pelo estuprador, e por isso se concilia muito bem com a definição de Inocêncio III. Não é exatamente igual ao caso de Sodoma e Gomorra em que o grito do pecado subiu sozinho até o Senhor, ou do caso de Davi, em que seus ossos clamavam, mas é da mesma forma uma manifestação do pecado. Não haveria mais ninguém dessas cidades que não

¹⁶ NUZA, Geronymo Bautista de la. *Op. cit.*, t. 1, p. 720.

estivesse cometendo o crime da disseminação e apologia das práticas homossexuais a tal ponto contagiosas e perigosas, e das quais se fazia imensa propaganda sobre jovens e adultos, que não teria mais nem dez justos em Sodoma, por isso o clamor se revelaria sozinho, da mesma forma que escreveu o rei Davi; estando ele calado quem iria saber de seus pecados? Somente o clamor de seus próprios ossos. Mas, essa interpretação do frei Gerônimo vai além daquela de S. Gregório Magno que cita apenas como exemplo o caso de Sodoma.

Além de Gregório Magno, outro Pai da Igreja, Santo Agostinho, também conceituou o clamor citado em *Gênesis* 18: 20 dessa forma. Em seus comentários do *Gênesis*, com relação a esse versículo diz S. Agostinho:

*Clamorem Scriptura solet ponere pro tanta impudentia et libertate iniquitatis, ut nec verecundia, nec timore abscondatur*¹⁷.

Em seus comentários de outros livros bíblicos S. Agostinho voltava a lembrar desse conceito quando a palavra "clamor" surgia significando "pecado" e não "queixa" ou "dor", ou então para alertar que dessa vez o significado era outro. Assim, quando de seu comentário dos versículos no livro de *Êxodo*:

*Et nunc ecce clamor filiorum Israel venit ad me: non sicut clamor Sodomorum (Gen. XVIII, 20), quo iniquitas sine timore et sine verecundia significatur*¹⁸.

E quando de seu comentário em *Jó* 30: 7, o clamor significa o sentimento do coração ou a manifestação do pecado:

*'Et inter arbores clamabant'. Manifesta erant peccata eorum, quamvis ea Scripturarum obscuritate, quasi umbris arborum, legere conarentur. Hinc est, 'Clamor Sodomorum ascendit ad me' (Gen. XVIII, 20). Et plerisque locis pro manifestis peccatis clamorem ponit Scriptura: ut verbum sit quidquid corde concipitur; clamor cum procedit in factum*¹⁹.

¹⁷ "A Escritura costuma estabelecer o clamor tanto como impudência {descaramento} como liberdade da iniquidade, de modo que não escondem nem a vergonha e nem o temor." HIPONA, S. Aurélio Agostinho de. *Locutionum S. Augustini in Heptateuchum*. Libri Septem. *Locutiones de Genesi* (18:20). Liber Primus. In: PL, t. III, 1865, col. 491.

¹⁸ "E agora eis que o clamor dos filhos de Israel vem até mim {Êxodo, 3:9}": não como o clamor de Sodoma (Gen. 18:20), que significa iniquidade sem temor e sem vergonha." HIPONA, S. Aurélio Agostinho de. *Locutionum S. Augustini in Heptateuchum*. Libri Septem. *Quaestiones in Exodum, et in fine descriptio Tabernaculi*. In: PL, t. III, 1865, col. 597-598.)

¹⁹ "'E clamavam entre as árvores' {Vulgata, Jó, 30:5-7. *Bíblia Ave Maria*: 30:7}: Os pecados deles eram manifestos (embora pudessem tentar ler essa obscuridade das Escrituras como '{buscavam apenas os} abrigos das árvores'). Esta passagem tem significado semelhante a 'O clamor de Sodoma subiu até Mim' (Gên. 18:20). E em diversos locais a Escritura estabelece o clamor como

Ainda, no *Enchiridion de Fide Spe et Caritate*:

*Talis in divinis libris iniquitas clamor vocatur, sicut habes apud Isaiam Prophetam de vinea mala. 'Expectavi', inquit, 'ut faceret iudicium, fecit autem iniquitatem, et non iustitiam, sed clamorem.' Unde et illud in Genesi: 'Clamor Sodomorum et Gomorrhæorum multiplicatus est.'*²⁰

Por fim, encontramos uma posição divergente do Papa S. Gregório Magno e de Santo Agostinho, condizente com a posição do Papa Inocêncio III, na obra de um teólogo franciscano anônimo do século XIV²¹. Diz o teólogo sobre *Gênesis* 18: 20:

*["Clamor ergo Sodomorum et Gomorrhæorum multiplicatus est.] Clamor in huiusmodi locis et consimilibus vocatur publica et excessiva diffamatio peccati, quasi pro se clamans ad iudicem, ut de ea fiat iudicium et vindicta"*²².

pecado manifesto, de modo que a palavra seja enunciada como alguma coisa do coração; o clamor quando se processa em ação. " HIPONA, S. Aurélio Agostinho de. *Annotationum in Job*. Liber Unus. In: PL, t. III, 1865, col. 858.

²⁰ "Tal iniquidade nos livros divinos é chamado de clamor, assim como tem na obra do profeta Isaías sobre a vinha má: 'Esperei', afirmou, 'que fizesse julgamento, fizeste porém iniquidade, e não fizeste justiça, mas clamor.' De onde no *Gênesis*: 'O clamor de Sodoma e Gomorra se multiplicou.'" HIPONA, S. Aurélio Agostinho de. *Enchiridion de Fide Spe et Caritate*. S. Aurelii Augustini Episcopi Hippon. A Ioanne Baptista Faure Theologo Societatis Iesu Notis et Assertationibus Theologicis. Neapoli: Ex Typographæo Fibreniano, 1847, LXXX, p. 151-152. Contudo, Bíblias como a *Bíblia Ave Maria* e a *Bíblia de Jérusalem*, além de muitas outras, acrescentam à palavra "clamor" a explicação "de socorro", ou outra palavra que indique que o clamor é a necessidade de justiça pelo povo, contrariando notavelmente a interpretação de Santo Agostinho. Ocorre, portanto, a mesma coisa que com a passagem do *Gênesis* em que muitas Bíblias preferem explicar o texto, acrescentando palavras ao original, conforme veremos. Mas, a interpretação de S. Agostinho, apenas nesse caso, nos parece menos convincente que as fornecidas pelas Bíblias. De fato, a *Vulgata* diz que: "*expectavi ut faceret iudicium et ecce iniquitas et iustitiam et ecce clamor*" ("Esperei que fizesse julgamento e eis a iniquidade e esperei que fizesse justiça e eis o clamor"). Ou seja, parece claro se tratar do clamor por justiça como aparece em vários outros trechos bíblicos. Claro, a *Vulgata*, por ter sido escrita na mesma época do bispo de Hipona, não deve ter sido utilizada por ele, principalmente pelo fato de que ele discordava de S. Jerônimo utilizar também fontes hebraicas e não somente a *Septuaginta* para o Velho Testamento. O trecho bíblico apresentado (usando tradução da *Vetus Latina*, anterior à *Vulgata*, ou porventura traduzindo da própria *Septuaginta*) por S. Agostinho diverge da *Vulgata* ao afirmar que o clamor foi feito pelos iníquos e não como uma consequência da iniquidade.

²¹ Confundido em edições antigas com Tomás de Aquino, sendo que atualmente é provada a não autoria deste na obra sobre o *Gênesis*. Sobre isso ver: PIRON, Sylvain Piron. *Note sur le commentaire sur la Genèse publié dans les œuvres de Thomas d'Aquin*. In Oliviana (online), nº 1, 2003. Disponível em: <<http://oliviana.revues.org/index22.html>>. Consultada em 17/03/2012.

²² "O clamor de Sodoma e Gomorra, assim, se multiplicou: O clamor nesses locais e similares é chamado de difamação pública e excessiva do pecado, como quem clama a favor de si para o juiz de modo que sobre isso faça juízo e justiça." {Pseudo no comentário do *Gênesis*, Anônimo} AQUINO, Tomás de. *Expositiones Praeclarissimae, in Genesim, in Iob, in Davidis Primam Quinquagenam, in Canticum Cantorum, in Esaiam, Ieremiam, et in eius Lamentationes*. MORELLES, Côme (ed., ordem dos pregadores). Tomo 15. Paris: Societatem Bibliopolarum, 1660, p. 65.

Em seguida o autor reproduz grande parte da decretal de Inocêncio III como um exemplo do uso do texto bíblico. Nesse pseudo S. Tomás de Aquino o autor interpreta o clamor como uma "difamação", mas mais no sentido de uma queixa do que de um boato excessivo que chega até os juízes, o que se prova pelo trecho que fala da delação aos juízes e pela citação da decretal do Papa Inocêncio III. Utilizando o argumento de que todas as cidades em volta foram destruídas, ou mereciam ser destruídas com exceção de uma que foi poupada, cremos que conceber queixas de pessoas prejudicadas de alguma distância razoável é inverossímil, conforme veremos. Uma difamação na forma de boatos seria mais aceitável. Contudo, ambos os mecanismos, difamação e queixa, são entendidos como equivalentes pelo autor, e de qualquer forma seriam provenientes provavelmente de adoradores de outros deuses. Assim, parece haver uma evolução na interpretação dada ao trecho. Na época de Santo Agostinho (sécs. IV e V) e do Papa São Gregório Magno (sécs. VI e VII) parece ser clara a noção de que o clamor de Sodoma e Gomorra que ascendia até o Altíssimo era a manifestação do pecado e não simples queixas de descrentes e idólatras. É assim que as interpretações de Inocêncio III e do pseudo Tomás de Aquino se conciliam, ao mesmo tempo em que se distanciam drasticamente daquela de Santo Agostinho e do Papa São Gregório Magno. Nesses últimos o clamor de Sodoma e Gomorra era próprio de pecadores, os quais agiram sem temor e fazendo propaganda de seus pecados, enquanto que no pseudo Tomás de Aquino e em Inocêncio III o clamor foi propriedade de delatores justos, os quais clamaram a Deus, da mesma forma que no direito canônico deveriam clamar a um juiz eclesiástico. Mas sobre isso nunca houve consenso, ao menos após os escritos dos Padres da Igreja, porque como vimos, no século XVIII fr. Gerônimo de la Nuza volta a defender a proposição de S. Gregório Magno ao mesmo tempo que amplia sua conceituação. E ainda, no século XVIII, o faz o monge e teólogo Augustino Calmet:

Clamor Sodomorum, i. e. criminum ejus gentis ad caelum usque ascendit 'genes. 18. 20'²³.

Essa discrepância ocorre porque o verbo "clamar" e o substantivo "clamor"

²³ "*Clamor de Sodoma*: isto é, dos crimes desse povo que subiram até o céu (*Gênesis*, 18:20)". CALMET, Augustino (abade beneditino). *Dictionarium Historicum, Criticum, Chronologicum, Geographicum, et Literale Sacrae Scripturae*. MANSI, Joanne Dominico (trad. ao latim). Tomo 1. Veneza: Sebastianum Coleti, 1766, clamor, p. 238.

parecem possuir quatro significados bíblicos ao menos: o clamor como oração que chega até Deus; o clamor como dores e sofrimento que o povo ou indivíduo produz e que muitas vezes faz chegar figurativamente até outras cidades ou até Deus; o clamor como grito de socorro (que fr. Gerônimo de la Nuza inclui na divisão seguinte); e o clamor como manifestação do pecado como visto até aqui, como uma figura metonímica (trocando o pecado pelo clamor) e prosopopéica (os gritos da cidade) semelhante a encontrada no *Gênesis*, ou prosopopéica como no Salmos, além de outro exemplo que encontramos em *Gênesis* 4: 10: "*dixitque ad eum quid fecisti vox sanguinis fratris tui clamat ad me de terra*" (*Bíblia Vulgata*. "O Senhor disse-lhe: "Que fizeste! Eis que a voz do sangue do teu irmão clama por mim desde a terra. *Bíblia Ave Maria*.").

Vejamos agora as traduções modernas da *Bíblia* (que usam não somente o texto latino, mas também os textos na língua original) de *Gênesis* 18: 20-21 (incorporando o versículo seguinte para entendermos melhor). Primeiramente aquelas que seguem a tradução que diz que o clamor vinha *da* cidade. Escolhemos um modelo dentre tantas, e depois apenas o trecho que importa em outras traduções:

O Senhor ajuntou: "É imenso o clamor que se eleva de Sodoma e Gomorra, e o seu pecado é muito grande. Eu vou descer para ver se as suas obras correspondem realmente ao clamor que chega até mim; se assim não for, eu o saberei..."²⁴

Esse tipo é similar na tradução latina (*Vulgata*) que se usava na Idade Média e citada na decretal ("*clamor Sodomorum et Gomorrhæ*"), na tradução espanhola da *La Biblia de Jerusalén* ("*clamor de Sodoma y de Gomorra*"), na tradução italiana da *La Bibbia* ("*il grido di Sòdoma e Gomorra*"), na tradução inglesa (séc. XVI) da *Douay-Rheims version* ("*The cry of Sodom and Gomorrha*") e (até onde consultamos) na tradução inglesa protestante *King James* ("*the cry of Sodom and Gomorrah*"). Mas outras traduções (que conforme demonstraremos nos parecem claramente equivocadas) afirmam que o clamor era "contra" a cidade:

Et l'Éternel dit: Le cri contre Sodome et Gomorrhe s'est accru, et leur péché est énorme. C'est pourquoi je vais descendre, et je verrai s'ils ont agi entièrement selon le bruit venu jusqu'à moi; et si cela n'est

²⁴ *Bíblia Ave Maria, Gênesis* 18: 20-21.

*pas, je le saura*²⁵.

Esse tipo é similar na tradução portuguesa do Brasil, da *CNBB* ("O clamor contra Sodoma e Gomorra"), tradução em língua espanhola *La Santa Biblia* ("Las quejas contra Sodoma y Gomorra"), na tradução italiana da *Biblia Sacra* ("Il grido contro Sòdoma e Gomorra"), e (até onde consultamos) em outra tradução francesa, *La Bible Des Communautés Chrétiennes* ("*le cri qui s'élève contre Sodome et Gomorrhe*"). Todavia, embora esse segundo tipo de tradução seja diferente do primeiro não quer dizer que a interpretação sobre o primeiro tipo de tradução por qualquer pessoa que leia o versículo não seja diferente. De fato, para evitar interpretações diferentes é que o segundo tipo de tradução incorpora uma interpretação do trecho.

Continuando, encontramos a mesma disparidade em um trecho do capítulo seguinte do *Gênesis* (19:21) em que se volta a falar do clamor *da* cidade ou *contra* a cidade. No geral, as traduções de primeiro tipo que falam do clamor *da* cidade reafirmam o mesmo sentido e o mesmo prosseguimento fiel fazem aquelas que traduzem por *contra* a cidade. O primeiro tipo de tradução: "*delebimus enim locum istum eo quod increverit clamor eorum coram Domino qui misit nos ut perdamus illos* (*Vulgata*) ou "porque vamos destruir este lugar, visto que o clamor que se eleva dos seus habitantes é enorme diante do Senhor, o qual nos enviou para exterminá-los (*Bíblia Ave Maria*).” Esse tipo aparece, por exemplo, na *La Biblia de Jerusalén* ("*es grande el clamor de ellos en la presencia de Yahveh*"), em *La Bibbia* ("*E' grande il grido al cospetto del Signore*"), na *Douay-Rheims version* ("*their cry is grown loud before the Lord*"), na *King James* ("*because the cry of them is waxen great before the face of the LORD*"). E o segundo tipo de tradução: "*Car nous allons détruire ce lieu, parce que le cri contre ses habitants est grand devant l'Éternel. L'Éternel nous a envoyés pour le détruire*" (*Bible de Jérusalem*). Esse tipo é encontrado por exemplo na *Santa Biblia* ("*porque las quejas contra él ante el Señor*"), *Bíblia da CNBB* ("o clamor contra ele diante do SENHOR"), e na *Biblia Sacra* ("il grido innalzato contro di loro davanti al Signore").

Com relação a essas discrepâncias nos dois trechos dos dois capítulos consecutivos do *Gênesis* consultamos também uma versão da própria Bíblia hebraica, interlinear:

²⁵ *Bible de Jérusalem, Gênesis 18: 20-21.*

Vayomer Adonay za'akat Sdom va'Amorah ki-rabah vechatatam ki chavedah me'od. Erdah-na ve'er'eh haketsa'akatah haba'ah elay asu kalah ve'im-lo eda'ah. ["Y dijo el Eterno: El clamor de Sodoma y Gomorra aumentó, y su pecado se agravó mucho. Descenderé pues, y veré que si hicieron según el clamor (de la ciudad) que viene a Mí, daré fin de ellos, y si no, lo sabré"]²⁶.

Uma nota explicativa posta na palavra "clamor" diz que:

De la gente que sufría las atrocidades cometidas por los habitantes de Sodoma y Gomorra, e imploraban la intervención de Dios. "He aquí que ésta fue la maldad de Sodoma... hartura de pan y abundancia de ociosidad tuvo ella y sus hijas, y no sostuvo la mano del afligido y del menesteroso (Ezequiel XVI, 49)"²⁷.

Vemos que a tradução teve que ser explicada em nota, mas manteve a redação de "clamor de Sodoma". Em outras traduções da *Torá* o trecho é explicado no próprio texto como nessa tradução ao inglês que redige como "clamor contra":

God [then] said, 'The outcry against Sodom is so great, and their sin is so very grave'²⁸.

Mas, não deixa de colocar uma nota em que ao explicar que se trata do clamor das vítimas, cita doutores das Escrituras hebraicas: "*against: Or, 'the cry of Sodom,' indicating the cry of its victims. (See Ramban, Ibn Ezra; Radak).*" Contudo, não parece ser exatamente assim; entre os rabinos também existiam discordâncias na Idade Média sobre esse ponto. Citemos antes *Gênesis* 19:21, sobre o qual a Bíblia Hebraica interlinear continua se posicionando a favor de uma sentido de "queixa" com relação ao clamor de Sodoma:

Ki-mashchitim anachnu et-hamakom hazeh ki-gadlah tsa'akatom et-peney Adonay vayeshalchenu Adonay leshachatah. ("pues vamos a destruir este lugar, porque se aumentó su clamor (contra ellos) ante

²⁶ *Torah.* Disponível em: *Navigating the Bible II:* <<http://bible.ort.org/books/torahd5.asp?action=displaypage&book=1&chapter=18&verse=19&portion=4>>.

²⁷ *Ibid,* <<http://bible.ort.org/books/torahd5.asp?action=displaypage&book=1&chapter=18&verse=19&portion=4>>.

²⁸ *Torah.* Disponível em: *Navigating the Bible II:* <<http://bible.ort.org/books/torahd5.asp?action=displaypage&book=1&chapter=18&verse=19&portion=4>>.

la faz del Eterno, y nos ha enviado el Eterno para destruirlo."²⁹

Assim, mais uma vez na Bíblia hebraica a tradução explicativa está entre parênteses. Ocorre uma interpretação que diz ser o clamor "contra" a cidade.

Sobre as discordâncias entre autores judeus, são as mesmas que existem entre autores cristãos. Segundo Moshe Ben-Chaim, na verdade o teólogo hispano-judeu Maimonides (c.1135-1204) em *Thirteen Principles of Faith (Sheloshah Assar Ikkarim)* afirma que o texto de *Gênesis* é uma prova de que Deus vê todas as ações e pensamentos do homem:

*And God saw, the evils of man were abundant on the land, and every inclination of his heart was only evil, all day." (Gen. 6) [...] "And God said, 'the cry of Sodom and Amora is abundant, and for their sin is greatly heavy'*³⁰.

Maimonides entende, portanto, que se tratava dos "*the cry of Sodom and Amora* {equivalente ao inglês *Gomorrah*}", de responsabilidade dessas cidades, não sendo necessário que vítimas clamassem a Deus, mas o Senhor veria o clamor dos pecados e até mesmo os pensamentos malignos antes disso, e como afirma Moshe Ben-Chaim sobre esse trecho: "*Maimonides desired to show that God possesses knowledge of all man's thoughts and actions*"³¹.

E um autor moderno, Rav Zvi Shimon, em um artigo chamado *Introduction to Parashat Hashavua Parashat Vayera: "The Cry of Sodom"*³² afirma que o versículo em análise é muito enigmático e obscuro, e a dificuldade se eleva pelo fato anterior de que a *Torá* é um livro sem pontuação, fazendo com que um trecho possa ser entendido de mais de uma forma, mas o texto em questão trataria da intenção de Deus em descer e investigar um clamor que emana de Sodoma e Gomorra (logo não poderia ser de fora delas, porventura seria de suas vítimas internas, mas isso não elimina a possibilidade de uma queixa do povo de Sodoma, que

²⁹ *Torah. Navigating the Bible* II: <<http://bible.ort.org/books/torahd5.asp?action=displaypage&book=1&chapter=19&verse=12&portion=4>>.

³⁰ MAIMONIDES. *Thirteen Principles of Faith* apud CHAIM, Moshe Ben-. *Maimonides' 10th Principle: God's Knows Man's Actions Moshe Ben-Chaim, 18:20*. Disponível em: <<http://www.mesora.org/Maimonides10th.htm>>.

³¹ CHAIM, Moshe Ben-. *Maimonides' 10th Principle: God's Knows Man's Actions Moshe Ben-Chaim, 18:20*. Disponível em: <<http://www.mesora.org/Maimonides10th.htm>>.

³² SHIMON, Rav Zvi. *Introduction to Parashat Hashavua Parashat Vayera: "The Cry of Sodom"*. In: *The Israel Koschitzky Virtual Beit Midrash*. Disponível em <<http://vbm-torah.org/archive/intparsha71/04-71vayera.htm>>. Consultado em 17/03/2012.

contraditoriamente foi toda destruída com exceção da família de Ló). Ele cita vários teólogos ou rabinos da Europa medieval para seus dois objetivos de entender o versículo e de entender quais pecados seriam responsáveis pela destruição de Sodoma e Gomorra. Segundo ele, Ibn Ezra (Rabino Avraham ben Ezra, Espanha, 1092-1167) e Ramban (Rabino Moshe ben Nachman, Espanha, 1194-1274) entendem que o objetivo de Deus era verificar se o clamor que subia das cidades de Sodoma e Gomorra estava totalmente de acordo com suas práticas e que contudo, nem dez pessoas justas foram encontradas na cidade. Fica claro por esses autores que o clamor era dos próprios habitantes, mas de formas diferentes. Ramban identificaria esse clamor com o clamor dos pobres e oprimidos. Ibn Ezra afirmaria que o clamor é um grito da rebelião contra Deus. Segundo o autor do artigo, a diferença de entendimento leva a uma "discordância fundamental quanto à fonte básica de todo o mal". A interpretação de Ramban nos surpreende uma vez que Deus aniquilou com toda a cidade e cidades vizinhas, e quem seriam esses pobres oprimidos que não foram salvos? E a interpretação de Ibn Ezra, conforme veremos, se assemelha muito com a de Santo Agostinho e com aquela do Papa São Gregório Magno, ao mesmo tempo em que diverge de outros autores católicos também muito importantes e mesmo com as Bíblias protestantes.

Segundo Shimom, Rashi (Rabino Shlomo ben Yitzchak, França, 1040-1105) afirma que a forma possessiva feminina, *tza'akaTA* ("clamor DELA", ver acima o versículo inteiro), relata o clamor da cidade (que segundo Shimon é no feminino no hebraico). Assim como o versículo 20 do cap. 18 menciona "o clamor de Sodoma", assim também no versículo 21 do cap. 19 a forma possessiva feminina referir-se-ia ao clamor da cidade. Contudo Chazal (um acrônimo para designar um conjunto de sábios da lei judaica: *Chachameinu Zichronam Liv'racha*: "nossos sábios de memória abençoada") fazendo uso de um midrash (tradição oral judaica paralela aos livros inspirados) afirma que a forma possessiva feminina faria referência à jovem filha de Ló, alguém que seria muito infeliz porque as autoridades e o povo de Sodoma teriam proibido o auxílio aos pobres, sob pena de quem ajudar ser queimado vivo. Ela teria sido descoberta e por isso ela teria sido a responsável pelo clamor ao Senhor, conforme aqui nossa tradução do inglês:

Ela disse: Soberano de todos os mundos! Apoie o meu direito e a minha causa nas mãos dos homens de Sodoma! E o GRITO DELA subiu diante do trono da glória. Nessa hora o Santo bendito seja Ele

disse: "Vou descer e ver se eles têm feito totalmente de acordo com seu grito, que chegou a mim" - e se os homens de Sodoma tiverem feito de acordo com o grito daquela mulher jovem, eu vou virar para cima a sua fundação, e a superfície para baixo...³³

Um trecho que nos parece muito contraditório com a *Bíblia* pelo fato de que esse pobre, se existiu, não foi salvo. Além disso, é possível inferir outras deduções fundamentadas pelo contexto. Todas as pessoas de Sodoma e Gomorra clamavam, e todas eram pecadoras (não havia nem dez justos na cidade, com exceção da família de Ló), logo, pensamos que (exegeticamente, não teologicamente) seria uma manifestação e propagação do pecado que ia (subia) até Deus. Quem iria clamar por causa dos crimes da cidade? Se até as cidades em volta, com exceção de uma que foi preservada por causa de Lot, ficaram destruídas a ponto de que este e sua família se obrigarem a se refugiar numa caverna? Era muito diferente de uma mulher que grita que está sendo estuprada, que é um clamor de aviso do pecado. Poderia se pensar que fossem estrangeiros que por ali passassem. Ou como diz a nota da versão hebraica interlinear, citando o profeta Ezequiel 16:49 (que não cita todos os pecados de Sodoma), poderia ser o clamor de pessoas necessitadas que não recebiam comiseração dos habitantes das cidades. Mas contra isso são alguns fatores. Como clamariam a Deus e não aos ídolos se poucos como Abraão eram tementes e crentes a Deus, a menos que seu sofrimento ascendesse a Deus? Se houvesse muitos outros não idólatras não seriam tantos a ponto de dizer que era grande o clamor. E a nota não cita o versículo seguinte de Ezequiel (50) em que diz que os crimes foram cometidos "diante do Senhor" (conforme todas as traduções acima, com exceção de duas que não tem esse trecho): "Tornaram-se arrogantes e, sob os meus olhos, se entregaram à abominação; por isso eu as fiz desaparecer, como viste (*Bíblia Ave Maria*)". Logo, Deus prestava atenção à grande quantidade de pecados, independente de orações e de crentes. Também, há outro trecho anterior a destruição de Sodoma e Gomorra (*Gênesis*, 13:13) em que diz que os habitantes dessas cidades eram "perversos e grandes pecadores *diante* do Senhor" (*Bíblia Ave Maria*), ou seja, Deus aparece numa posição de espectador e preocupado (de acordo com essa tradução, porque outras seguem uma linha de "contra o Senhor", e notando-se que embora toda a terra não adorasse a Deus esses pecados tiveram a atenção). Ao mesmo tempo, contudo, o argumento

³³ Pirkei De-Rabbi Eliezer, chapter 25, *apud* Shimom, *op. cit.*, grifos do autor.

contrário a isso, de que se trataria de queixas contra as cidades, que não subiriam sozinhas, aparece do fato de que foi necessária uma investigação, da mesma forma como deveriam fazer os investigadores no direito canônico. Contudo, a onipresença de Deus, mesmo se alguém tenha delatado pelo clamor, faz com que uma investigação seja também desnecessária (segundo alguns rabinos citados por Shimom Deus enviou os anjos para testar a cidade e de fato eles quiseram ter relações sexuais com eles, incorrendo em crime semelhante ao que levou ao dilúvio).

E voltando ao texto da decretal, base histórica que nos leva a esse estudo, como pode o Papa Inocêncio III, ou o prelado, ser como Deus e ouvir os clamores dos próprios pecadores? Por isso que Inocêncio III obviamente entende que o clamor era uma delação. E também, embora a tradução de *deferente* ("*quasi denuntiante fama, vel deferente clamore*") possa ser "quem traz", que no contexto jurídico é "quem delata", um pecador nunca iria se auto delatar. Mas obviamente que *deferente* aparece como ocupando a função paralela a de *denuntiante*. Se existe uma denúncia temos o denunciante, mas se temos uma investigação temos um clamor de delatores (do mesmo modo que para a acusação o acusador).

Embora o significado de clamor como "pecados em ação e disseminação" não tenha ido para qualquer dicionário - nem com a descrição de "sentido teológico", como tem em outros ramos do conhecimento - não se deve desprezar. Em termos factuais, entre as situações de clamores que se revelam sozinhos pela ação dos criminosos (os sodomitas e o rei Davi) e os clamores que são alertas e avisos de pessoas inocentes contra os criminosos (mulher estuprada), existem diferenças claras. Por isso que uma tradução deve se manter o mais literal possível, como apresenta a *Bíblia Vulgata*, a qual permite interpretações e não impõe nenhuma posição. Tamanha consequência tem traduções diferentes que acabam afetando o senso comum e excluem até mesmo dos dicionários contemporâneos um dos significados do substantivo "clamor" e do verbo "clamar". Vimos que o uso que faz Inocêncio III do texto de *Gênesis* é radicalmente diferente da interpretação dada por ao menos dois dos maiores Padres da Igreja. O máximo de proximidade possível existiria se adotássemos o entendimento dado posteriormente por fr. Gerônimo de la Nuza expandindo o significado de clamor como "manifestação do pecado" a "gritos de pecado por um inocente", o qual poderia ser entendido também o "delator" citado por Inocêncio III. Contudo, segundo os Padres da Igreja, S. Agostinho e S. Gregório

Magno (também Papa), não existiram delatores em Sodoma. Também, parece incontestável que o texto hebraico estabelece uma ligação de clamor com o pronome feminino da cidade. Não se pode duvidar que o clamor não partisse de Sodoma e Gomorra, no que o próprio Inocêncio III concorda utilizando a *Vulgata*. E nisso existe uma quase unanimidade entre cristãos católicos e protestantes (nem todos) e judeus, porque após ou no meio da expressão "clamor de Sodoma", as palavras que forem colocadas são apenas explicação e não fazem parte de uma tradução literal, e por isso que algumas Bíblias usam colchetes ou parênteses. As divergências estão presentes quando se trata de interpretar esse clamor, mais geralmente entendido no senso comum, no sentido estrito de grito, pedido de ajuda. Mas a interpretação dos Pais da Igreja, e nossos argumentos contextuais (número limitado de crentes em Deus aos membros da família de Abraão ou não muito mais que isso; o fato de Lot ter que buscar refúgio em uma caverna pela falta de cidades próximas e a destruição não apenas de Sodoma e Gomorra, mas também das cidades vizinhas; outras passagens que mencionam que os pecados de Sodoma se apresentavam diante de Deus; outros trechos bíblicos em que o clamor adquire sentido metafórico como com relação aos ossos pecadores de Davi; e outros trechos bíblicos em que os pecados de determinados locais subiram até os céus levando a deduzir que em Sodoma também ocorreu o mesmo através de uma troca da palavra "pecados" por "clamor") nos induzem a pensar que o uso do trecho bíblico de *Gênesis* por Inocêncio III - não com relação à necessidade de investigação após o clamor, mas com relação a deduzir que o clamor poderia ser delatado por alguém fundamentando-se no caso bíblico de Sodoma - talvez tenha sido um tanto forçado. Mas é apenas uma interpretação, fundamentada nos Padres da Igreja, assim como a favor da posição de Inocêncio III estão cristãos católicos, protestantes e judeus. Essa interpretação diferente teve reflexos históricos no momento de se definir o início de um processo investigativo no direito canônico, mas não cremos que fosse tão forte a ponto de alterar os rumos dessa definição.